



## Sociedade das Ciências Antigas

### **SANTA MARIA PETYT**

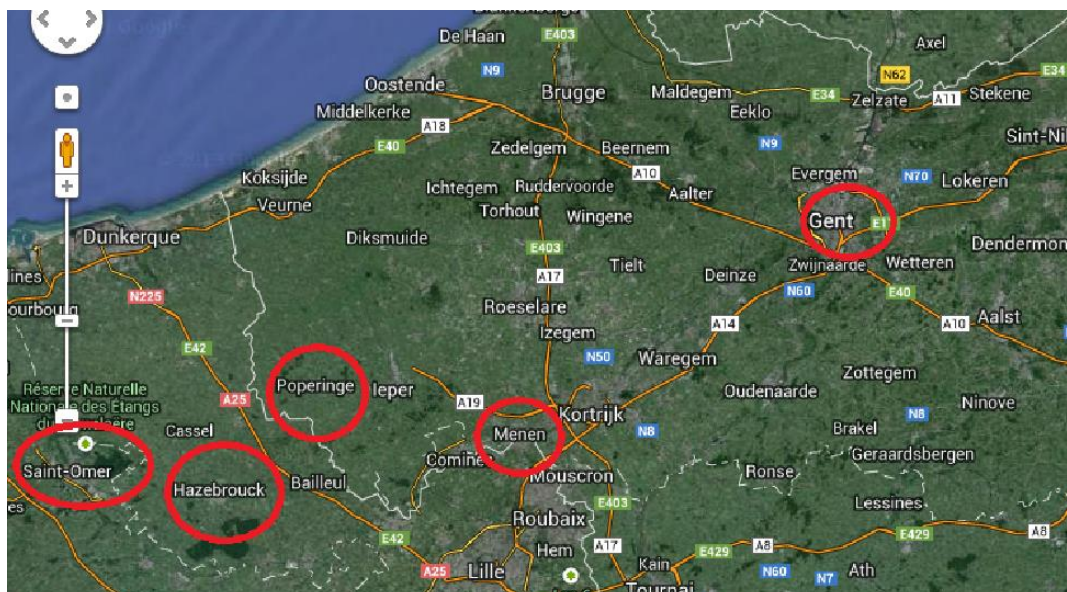


**Madre Maria de Santa Tereza  
(1623- 1677)**

#### **Vida**

Maria Petyt nasceu no dia 01 de Janeiro de 1623 em Hazebroek, uma pequena aldeia na Flandres, nos países baixos.





A mãe de Maria Petyt, Anna Folque, era natural de Poperinge e tinha dois filhos, ambos nascidos de um matrimônio anterior. Maria nasceu do segundo matrimônio de Anna Folque com Jan Petyt, um comerciante abastado de Hazebroek. Era a mais velha de seis filhas.

Aos oito anos, quando estava ocasionalmente na casa da avó, foi vítima da varíola que lhe causou várias cicatrizes. Curada, achou-se menos bonita e já não se sentia a filha predileta do pai. A sua piedade também começou a decrescer.

Quando tinha onze anos, foi mandada pelos pais para o convento das freiras em St. Omaers a fim de receber ensino escolar. Depois de ter estado lá por um ano e meio, apareceu a peste e teve que fugir depressa, juntamente com os irmãos e irmãs, para a casa de seu tio na cidade de Poperinge.

Aos dezesseis anos de idade foi mandada para a casa de uma senhora piedosa na cidade de Rijssel. Foi na casa dessa senhora que Maria Petyt teve, pela primeira vez, uma forte experiência religiosa, depois de ter passado, ora por períodos de intensa piedade, ora de exterioridades e coquetismo (elegância em excesso) superficiais.

De volta à Hazebroek, continuou sob a influência dessa experiência e passou por um segundo período de conversão.

Começa a levar uma vida de eremita, renuncia a um matrimônio oferecido e quer novamente entrar no convento. O pai opõe-se e não quer que ela siga a sua vocação para a vida religiosa, mas a mãe ampara-a. Entretanto Maria Petyt passa o tempo lendo e meditando livros espirituais e místicos. Finalmente obteve licença para entrar no convento.

Apresenta-se então, às Canônicas Regulares de Santo Agostinho, em Gande. Entretanto, inicia-se a guerra contra os Franceses o que impede sua entrada no convento.

A fim de se subtrair às violências da guerra (o pai perdeu grande parte de seus bens) a família Petyt fugiu para a cidade de Menen.

Decorrido algum tempo, Maria Petyt entra finalmente no convento das Religiosas de Gande. Um ano antes de receber o hábito religioso, recebe a notícia do falecimento da sua mãe.

Alguns meses depois de ter recebido o hábito, teve que deixar novamente o convento devido a problemas na vista que a impedem de tomar parte na reza do ofício coral.

Refugia-se então, em uma comunidade de beguinhas, na cidade de Gande, onde leva uma vida interior sob a direção espiritual de um sacerdote Carmelita.

Continua leiga durante o resto de sua vida, o que não a impede de fazer a profissão sob a Regra da Ordem Carmelita.

Passados quatro anos, o famoso Carmelita Frei Miguel de Santo Agostinho tornou-se o seu confessor e Diretor Espiritual.

No ano de 1657, muda juntamente com duas outras mulheres, para a cidade de Malinas onde vive em uma casa pertencente a um convento, perto da igreja. É aí que sua vida interior começa a ter características místicas cada vez mais nítidas.

Faleceu no dia 01 de Novembro de 1677.

## **Obras**

Maria Petyt não deixou nenhum livro nem tratado sobre mística.

Devido aos frequentes e demorados períodos de ausência do seu confessor, o Frei Miguel de Santo Agostinho, Maria Petyt fazia, a pedido dele, anotações das suas experiências.

Após a sua morte, o Frei de Santo Agostinho resolveu ordenar e publicar as cartas dela substituindo, em parte, a ordem cronológica por uma temática.

Tornou-se uma bela e fascinante autobiografia, escrita em uma linguagem muito viva, cuja descrição bibliográfica reza assim:

Het leven vande weerdighe Moeder Maria a Sta Theresia, aliás Petyt... (A vida da venerável Madre Maria de Sta. Tereza, alias Petyt...) Ganda, 1681, 4 vol. ; 1320p.

## **As características da mística de Maria Petyt**

Como a obra mística de Maria Petyt se baseia em anotações pessoais em que descreve a sua experiência diária, dificilmente se descobre aí uma linha sistemática.

Ela descreve a sua viagem interior.

Antes de tudo, para ela, é importante a constante e incessante aniquilação de qualquer atividade e esforço pessoal que a alma faz, não apenas por poder fazer progresso naquilo que já conseguiu, mas também por poder, desta forma, retê-lo definitivamente.

De outro lado, também é importante o intenso encontro amoroso durante o qual a alma é consumida, sem cessar, por um ardente fogo de amor e elevada por cima de si própria, enquanto é ao mesmo tempo, reivindicada por um “Amante ciumento” que exige doação total, sem compromisso e sem limites, e abandono completo de todo o restante.

## **A transição da meditação para a contemplação**

Maria Petyt tinha a ingênua ousadia e pretensão de querer viver apenas para Deus.

Empenhou-se ao máximo por progredir na oração. Com a ajuda dos seus diretores espirituais, exercitou-se nos métodos usuais.

No princípio, ficou bastante satisfeita com os mesmos, porque lhe causaram grande concentração e uma apaixonada exaltação.

Esforçando-se, era capaz de provocar sentimentos afetuosos e fantasias ricas com muita abundância. No entanto, Deus ficou inalcançável. Maria encontrou-se apenas a si própria nas falhas pessoais. Teve de aprender a deixar atrás de si a realidade própria da meditação. Compreendeu que o ser humano deve-se calar, se quiser ouvir a voz de Deus. Na realidade, isto tornou-se tarefa pesadíssima, em que necessariamente tinha que falhar, exatamente porque queria fazer progresso no caminho da perfeição.

Desta forma aprende, com muito custo, a largar as próprias capacidades e a já não fazer tentativas pessoais. Aprendeu que a mais alta preparação se efetua quando desaparece o caminho preferido, escolhido pessoalmente.

Tem de aprender a entregar-se cegamente.

### **A adesão de simplicidade ao ser Divino inconfigurável**

Maria Petyt passa então para a oração de simplicidade ou de recolhimento infuso.

Deixou as obras pessoais atrás de si e voltou para a profundidade essencial da sua existência, para o centro em que repousa nas mãos de Deus e onde Deus habita nela.

Tudo se torna simples porque a sua vida interior se concentra na propensão para a profundidade. Tal profundidade vai acompanhada de um processo de dissolução, a saber:

As faculdades humanas deixam de funcionar de maneira múltipla e, na oração de simplicidade, já não há “mistura” com atividades de ordem pessoal. Vivendo na profundidade, a oração transforma-se em adesão nua da vontade ao Ser não configurado de Deus. Em vez de agir, ela é absorvida pelo silêncio.

Albert Deblaere escreveu:

*“As experiências místicas, por onde Maria Petyt irá passar, serão múltiplas: desolação e desespero, entusiasmo e amor ardente, elanguescimento e sucumbi em Deus, esmagada pelas delícias do Seu Amor, repentinas iluminações, como relâmpagos que a deixam arrebatada horas e horas em contemplação insondável. No entanto, todas essas experiências serão de natureza passageira: surgirão da “oração de simplicidade” e reconduzirão, em seguida, o seu espírito, para o mesmo estado”.*

*“A união crescente com Cristo e a assimilação a Ele aprofundarão a simplicidade da oração da mesma forma como a maravilhosa mística Mariana de Maria Petyt, não só não estará sujeita a “mistura”, como se tornará mais íntima ainda..”.*

*“A luz sob a qual a alma experimenta Deus, transcende à compreensão das faculdades humanas: fantasia e imaginação, memória e raciocínio reconhecem a própria impotência e calam-se”.*

*“Trata-se por um lado de uma presença escura (escuridão que não pode ser iluminada pela razão) e por outro, de uma presença tão intensa que ultrapassa toda a razão..”.*

## A purificação horrorosa

Alguém poderia ter a impressão que Maria Petyt estava, a esta altura, bastante adiantada no caminho místico. Também ela própria pensava assim.

Constantemente caía na tentação de descobrir, nas suas próprias experiências, as práticas de outros místicos. Ainda era (ou tornava a ser) muito ativa e confiava nas próprias obras, embora pensasse ter-se entregue inteiramente à ação de Deus. Pensa ser capaz de obter, por meios próprios, aquilo que lhe foi dado gratuitamente. Não quer perder as experiências felizes. Sem se dar conta, apega-se aos dons de Deus em vez de, sobretudo, se apegar a Ele.

É necessário que se convença, cada vez mais, do fracasso absoluto da própria realidade pessoal em que perseverava obstinadamente, do fracasso da auto-suficiência e da inclinação de, constantemente, atribuir a si própria o que não é dela.

Chegou a cair numa horrível desolação. A forte experiência de Deus desapareceu. A aflição é sufocante.

Em relatos emocionantes, descreve como foi levada ao desespero. Até pensamentos de suicídio lhe passaram pela cabeça, visto tudo ter resultado em fracassos e vãs fantasias!

Através de torturas físicas e psíquicas, ficou abalada a inclinação natural de se deleitar em si própria e nos resultados já obtidos. Desta forma, Maria Petyt aprende a abandonar-se a si própria e a encontrar Deus verdadeiramente.

São as Leis do Amor (conforme Hadewijch, mística de Antuérpia, na Bélgica) que a conduzem para a receptibilidade autêntica e entrega total de si própria.

A plenitude e a inevitabilidade do sofrimento purificam-na de qualquer egocentrismo e egoísmo. A este processo apenas pode submeter-se passivamente e com repugnância natural visto que, purificações por iniciativa própria, resultariam em uma nova tentativa de alcançar a perfeição por meios próprios. Devido ao fato de tudo lhe ser tirado, ela experimenta a sensação de ter largado tudo. Chama a isso o “ego poderoso reduzido ao nada, a fim de ser unido ao TODO”.

A fim de criar lugar para a ação generosa de Deus é, sobretudo, necessário que seja desbaratada a pretensão de pertencer à classe melhor dos homens, a saber:

Aos corajosos, aos prediletos de Deus ou aos místicos.

Desta forma, o maior progresso espiritual parece ser, ao mesmo tempo, a maior tentação.

Maria Petyt experimenta, pouco a pouco, até fisicamente, a sua vulnerabilidade, indigência e impotência de fazer algum bem por meios próprios.

“É necessário que sinta na sua vida a veracidade das palavras do Senhor, quando disse: “sem Mim nada podeis”, de forma tão intensa que as mesmas se tornem fundamento e pedra angular de sua existência”. (Deblaere).

Tal não significa que Maria Petyt fosse dotada de um caráter depressivo ou que se achasse a si mesma uma criatura nula e sem valor. Pelo contrário, compreendeu perfeitamente que o “Encontro”

com Deus nunca pode ser manipulado ou forçado visto tratar-se de um dom que lhe sobrevém gratuitamente do “outro lado”.

Dá-se conta que o seu próprio “eu” e os “meios próprios” impedem, como um muro impenetrável, o autêntico e direto “Encontro” com Deus. O “eu” não é mau nem inferior, mas é reduzido a nada e fraturado quando, dobrando-se sobre si próprio, apenas se encontra a si próprio como em um espelho.

Desta forma, Maria Petyt aprende a viver no fundo de si própria, que está escondido no abismo de Deus.

### **A união amorosa**

Através de todas essas experiências a vontade de Maria Petyt é unida, cada vez mais intensamente, com a Vontade Amorosa de Deus. Devido ao amor apaixonado que sente, a consciência dessa união, a faz sair para fora de si e faz com que ela esteja, com toda a sua existência, orientada para Deus. Esta experiência não é provocada por sentimentos humanos e ultrapassa, ao mesmo tempo, aquilo que a sua natureza é capaz de suportar.

No princípio, experimenta em si própria a imediata presença do Amor de Deus, através de toques passageiros que a tornam ébria de amor. É uma experiência esmagadora que a arrasta e faz sucumbir. Nesta primeira fase da plena união afetiva, o namoro é tão intenso que Maria Petyt não se sente capaz de dedicar-se a outras coisas. Entrega-se com toda a intensidade, ao beijo recíproco ou abraço amoroso ou cai em um profundo sono amoroso.

Na segunda fase, a experiência amorosa é de tal forma integrada na sua vida, que ela descobre ter mais níveis de consciência. Embora esteja apenas atenta ao Noivo, é simultaneamente capaz de prestar atenção às coisas da vida quotidiana. É deificada, não através dos seus próprios esforços ascéticos, mas pelo Fogo do Amor Divino que a consome e a transforma.

### **O processo de transformação em Deus.**

Maria Petyt não fica apenas consciente do toque do Amor Divino, mas experimenta também que, cada vez mais profundamente, é transformada em Deus. Em medida crescente, a sua vida é impregnada, totalmente, da existência de Deus. Torna-se Deiforme. Começa a ver-se a si própria com os olhos de Deus, ama o que Deus ama. Deus age nela e o Espírito de Deus reza nela. Há unanimidade com Deus: a Vontade de Deus constitui o seu desejo mais profundo e ela não pode imaginar-se ser capaz de afastar-se voluntariamente disto.

Às vezes escreve que esse estado de estar perdida na Vida de Deus se tornou, após as vicissitudes de outrora, firme e estável. No entanto, o mais característico da evolução mística de Maria Petyt consiste no fato de que as novas experiências parecem ter ficado até o fim.

O processo nunca acabou. Por conseguinte, a linguagem mística é deficiente. Leu os textos místicos clássicos, principalmente da tradição dos países baixos, a fim de poder compreender e exprimir as suas experiências pessoais, mas empregava a mais elevada linguagem cedo demais! Embora parecesse estar já completamente transformada em Deus, tal experiência pareceu estar, mesmo assim, misturada com sentimentos, imagens e esforços pessoais. Tal, no entanto, é verificado sempre posteriormente e a partir de perspectivas subsequentes.

O abismo de Deus continua insondável para ela e, por isso, é necessário que ela desça cada vez mais na profundidade de si própria. Para nós, o caminho de Maria Petyt parece perder-se no labirinto confuso das anotações no seu diário, que cada vez são mais numerosas e diferentes.

É a história de uma mulher do tempo do Barroco que conheceu ideais elevados e desejos apaixonados, acompanhados de um entusiasmo esmagador de viver e da consciência do movimento perpétuo de um mundo que se alarga cada vez mais, sem ser capaz de recuperar a tranquilidade.

### Seus Textos:

#### A transição da meditação para a contemplação

“Costumamos dizer: Deus é Bondade, Deus é Misericórdia, é Amor, Deus é Abismo, é Escuridão, é Luz, Deus não tem medida, é Infinito, é Sapiente, Todo-Poderoso etc... Tudo isso não nos diz o que Deus é, porque, acima de tudo isso, Ele é Inefável. Todas essas expressões são apenas produtos de pinta-monos...(mau pintor)”.

“Depois de nos termos exercitado, durante dois ou três meses, Ele conduziu-nos gradualmente para mais silêncio e simplicidade, obrigando-nos a deixar a realidade da Meditação (pois nunca fui muito hábil em trabalhar com o intelecto) e a adotar a prática das três virtudes divinas: fé, esperança e amor, tanto durante a oração, como fora dela, por meio de ações silenciosas e doces, à guisa de aspiração, mantendo a atenção dirigida para a presença de Deus...”

Quando tinha alguma habilidade com essa prática e parecia estar formada nela, Sua Reverência exigiu que abandonasse, cada vez mais, a realidade do meu próprio ser e que me exercitasse constantemente na fé nua da presença de Deus e que, simultaneamente, me inclinasse para o amor para com Ele. No princípio, esta prática era muito difícil e desagradável por um lado, porque o fato de ser privada da consolação e doçura que sentia interiormente, me custava muito... Por outro lado, porque não estava habituada a ocupar-me interiormente com Deus mantendo a minha atenção fixa Nele, de forma tão desprovida, simples, espiritual e também porque não tinha acesso verdadeiro à unidade do espírito...

Frequentemente estava muito cansada devido à luta contra os meus pensamentos e ao esforço que fiz por os fazer calar, excluir ou perder, porque pensamentos distraídos e outras súbitas ideias enfadonhas, pareciam às vezes submeter-me e causar ruído dentro de mim; os sentidos estavam às vezes dissolutos e desenfreados como animais selvagens, sem que fosse capaz de os fazer calar ou recolher, embora às vezes o conseguisse ela força da oração”.

“Embora a Oração me custasse muito e eu me sentisse fria, sem sentir (como parecia) qualquer consolação, sabor ou alguma moção na boa direção, persistia, mesmo assim, na Oração, sem a omitir ou encurtar, apesar da grande aversão, luta e tristeza que sentia: pelo contrário, dedicava mais tempo à Oração, tanto quanto podia e perseverava nela, muitas vezes, durante horas e horas seguidas; graças a isso, o espírito começou, pouco a pouco, a vencer os sentidos e a encontrar alguma maneira de me manter na fé nua da presença de Deus e às vezes, de permanecer repousadamente em Deus.

Pouco a pouco, a natureza e os sentidos perderam a sua força e vivacidade devido ao fato de eu me esforçar, com todos os meios interiores e exteriores que estavam ao meu alcance, por tirar todo o alimento à desenvoltura, por meio de severa mortificação, sem cessar, de todo o Humano. Apesar de eu me encontrar, de acordo com o que sentia, em estado de aridez e abandono, persistiu em mim, no entanto, o forte desejo de procurar a perfeição e de praticar as virtudes e as mortificações da natureza”.

“Era uma disposição da Divina Providência quando deixou o meu espírito em estado reduzido e árido, apesar dos meus desejos ardentes e tentativas diligentes. Ele quis que tal me sobreviesse a fim de me mortificar profundamente e de me levar assim ao conhecimento e desconfiança profunda de mim própria. Pois, eu confiava demais nas minhas próprias forças e na minha inteligência e zelo. Desejava adquirir virtudes e graças interiores, como se fosse possível conseguir tudo isso, apoiando-me nos meus trabalhos próprios e no zelo que me esforçava...”

O fato de o Amado tirar a Sua mão cooperante com o intuito de apagar os meus desejos apaixonados por obter a perfeição, era muito útil para mim porque os mesmos estavam muito misturados com a procura de mim mesma, com amor próprio, impaciência, inquietação e receio da natureza. Os supramencionados bons desejos não estavam bem regulados, não eram moderados nem correspondiam, com a devida resignação, à vontade de Deus..”.

As lições que me deu serviram, todas, para dar espaço à Graça Divina, para purificar e esvaziar o homem interior e para desfazê-lo de todas as suas propriedades, a saber: de todos os sentimentos desregrados, apegos, paixões e vontade de procurar, por conta própria, os bens, dádivas e graças de Deus e de fazer calar os desejos ardentes de fazer coisas boas e espirituais. Pois, eu estava tão cheia de paixões, desejos e ambições por conseguir o bem supremo, que não era capaz de me contentar com menos e de estar satisfeita com o que tinha...

Quando fiquei livre, até o fundo do meu ser, de todos os apegos desregrados, das exigências que me impunha a mim mesma e das paixões da natureza, Ele mostrou-me como facilmente podia obter paz interior constante, pureza de coração, orientação interior para o objeto Divino etc... convivendo, interiormente e de modo estável com Deus, mediante a fé e o amor que sempre se ocupam com Ele, em conformidade com o Espírito Carmelitano e com as claras instruções do mesmo, visto que todas as Suas diligências tinham por fim imprimir este Espírito Carmelitano em nós”.

A fim de obter maior constância e facilidade com isso, Ele ensinou-me a liberdade interior de espírito, a fim de já não ser arrastada para baixo na natureza, devido a encontros interiores ou exteriores, ou por motivo de mudanças do estado de espírito interior ou por motivo de qualquer outra coisa; tal liberdade de espírito devia causar necessariamente ausência de desejos, desinteresse e indiferença perante tudo o que aprazia a Deus efetuar ou não em mim, ou seja, indiferença quanto a posses ou perdas, luz ou escuridão, pobreza interior ou abundância, aceitando tudo da mão de Deus como sendo o melhor possível para nós.

Ele ensinou-me que, por meio da simplicidade do espírito, devia esforçar-me por chegar a tal ponto que já não dirigisse conscientemente a minha atenção para o estado do nosso espírito interior, perguntando-me como começou ou terminou ou o que estava a acontecer aí em baixo na natureza ou se sofria ou não, a fim de que eu, fora de Deus, a nada prestasse atenção senão a Deus e em nada repousasse senão em Deus; a fim de que me esforçasse por nadar para cima, como faz um certo passarinho de que ele disse, que faz o seu ninho por cima das águas e que fica, apesar de as águas subirem e descem de acordo com o estado da maré, seguro e descansado no seu ninho, sem se preocupar com a descida e subida das águas: deixa-se levar por onde as águas o levem, pois, enquanto fica no ninho, a descida e subida da água não o perturbam.

Esta parábola deu-me grande luz, pelo que compreendi que também eu devia fazer o meu ninho e lugar de repouso em Deus e na Sua vontade benévola... ; esta e outras parábolas ficaram dois anos na minha memória e eram para mim de grande proveito”.

Quando, devido a isto, estive sujeita a uma luta interior, Deus enviou, ao mesmo tempo, um raio de luz para a minha alma, aliciando-me a atirar-me, como uma criança, ao seu colo Paterno, com amor



filial confiando apenas Nele; este raio de Graça começou, imediatamente, a operar em mim e surtiu efeito de forma que me sentia repentinamente mais forte e fortalecida em Deus; todos os meus sofrimentos e torturas desapareceram e já não me importava se sofresse algo de alguém. Senti-me tão satisfeita e contente com o meu Amado, que já não pedi mais nada e já não prestei atenção ao que outras pessoas diziam ou pensavam de mim; isto irritava-me menos que o vento.

Tenho a impressão que esta Graça ficou, desde então, quase sempre comigo.

Desde então, eu já não fazia questão se outras pessoas gostavam ou não de mim ou se me faziam favores ou eram ciumentas de modo que o meu coração estava, desde então, desapegado e livre de coisas humanas... Apenas me esforçava por fixar meus olhos no Amado que me aliciava constante e amorosamente; este coração, desapegado e livre de temores e sentimentos humanos, constituiu uma grande ajuda e vantagem para o meu progresso no caminho espiritual..”.

“Por conseguinte, ganhei coragem e atirei-me aos braços de Deus, entregando-me sem reservas e abandonando tudo o que é deste mundo; a partir daquele momento, recebi tanta força na minha alma que fiquei, desde então, como uma rocha inabalável no meio das ondas do mar..”.

### **A adesão de simplicidade ao Ser Divino inconfigurável**

Então, a Oração Contemplativa começou a ultrapassar, de alguma maneira, o natural, devido, em grande parte, ao silêncio interior e ao repouso em Deus, através da fé nua e viva na presença Divina; a rudeza da realidade e a diversidade das forças interiores começaram a desaparecer de todo, com exceção da visão simples da Fé dentro de mim e da semelhante inclinação doce e silenciosa para o amor para com Deus.

Qualquer outra realidade pessoal aborrecia-me e cansava-me muito, pois não servia para mais nada do que estorvar o meu sossego interior, obscurecer a claridade do meu interior e levar o espírito, fixado na simplicidade interior, para o alvoroço e diversidade nocivos...

Quando tinha a oportunidade de me exercitar, com a ajuda de algumas práticas interiores, na virtude, fazia-o com a maior tranquilidade possível, a fim de conservar melhor o espírito na sua pureza, desprendido de forças sensitivas e afetivas, tanto quanto a Graça de Deus me revelava sobre esta pureza e desprendimento; pois, a Luz Divina, no princípio, pouca, como a luz da aurora nascente que, pouco a pouco, cresce gradualmente”.

No dia 22 de Maio de 1662, ela escreve o seguinte:

“A Graça Divina produz no nosso coração, na nossa alma e no nosso espírito, uma tal simplicidade e tranquilidade que parece que estou sem pensamentos, que desconheço todas as criaturas assim como a mim própria, também fora da oração... Não sei como o dizer. Todas as forças da alma parecem estar suspensas: continuam aptas para funcionar apesar de eu sentir serem detidas por alguém que as impede, ou proíbe de funcionar naturalmente. A alma sente-se repleta do conhecimento puro e simples, de um Bem Supremo não figurado e simples, sem saber O que e como O conhece. Em seguida, sente também um doce fogo de amor que está a arder ou a faiscar dentro dela, sem que ela seja capaz de prestar atenção ao mesmo e sem saber como e de que forma tal acontece. Parece que se acha absorvida e elevada no gozo extático de um Ser Infinito, Ilimitado e Inefável. Sente, com certeza, que a sua felicidade consiste, agora e na eternidade, no deleite disto. É milagroso como isso acontece: a alma conhece, contempla, ama e goza sem ser capaz de compreender ou saber O que e como O conhece, o que e como O ama, o que e como O contempla gozando etc... isto é, com claro discernimento. Mais ainda: a alma vê que está aqui perante a Face

de Deus, frente a frente com Ele, com visão nítida e extática de Deus, e ao mesmo tempo, parece que ela está a dormir ou descansar perante a Face de Deus. Como é que isto pode ser?”

“Embora comece a chegar, pouco a pouco, ao ponto de possuir o meu solo e de habitar nele constantemente, mesmo assim encontro-me, em outros dias, em um outro estado de espírito, experimentando, frequentemente, várias formas de amor, aproximação e repouso amoroso em Deus. Aceitava tudo isto indiferentemente, conformando-me com o mesmo.

No entanto, em geral gozo, no fundo da minha alma, de um repouso silencioso no Deus não figurado, a modo de repouso, sossegando e saciando-me. Sou como alguém que, estando amenamente deitado em uma cama confortável, descansa e, embora não durma, pensa nos seus empreendimentos e se ocupa dos mesmos, sem que o seu descanso diminua, ou seja interrompido. Da mesma maneira eu gozo também, habitualmente, durante o dia inteiro, do doce e amoroso repouso em Deus. Todas as outras coisas que ocorrem junto das criaturas, ficam fora e não perturbam o meu repouso. Todas as criaturas se me apresentam como feitas em Deus e sendo Dele; completamente compenetradas dele, não impedem o meu repouso em Deus. Tudo o que vejo, ouço, saboreio e sinto, coopera para o bem, para Deus e para esse repouso em Deus.

O espírito é capaz de deixar passar tudo isto sem ser lesado por isto e de o deixar atrás de si. Não se apodera disto, ou, em outras palavras, dirige tudo isto para o fundo de onde todos os objetos deiformes, todos os encontros e tudo o que é semelhante à Vontade Divina são, por assim dizer, deificados. Assim, a alma serve-se, de uma certa forma divina, das criaturas, de acordo com as necessidades.

Às vezes sinto no meu interior apenas uma inclinação real para o Divino Objeto, com exclusão da outra realidade de forças e sentidos.

Às vezes estou sujeita a lutas e tentações e sinto-me inclinada a deixar vaguear e andar desordenadamente a minha imaginação e os meus pensamentos, conversação insensata, espalhada para a parte sensorial que pouco procuro. Contudo, a minha fé na Presença de Deus que está no meu interior, continua com muita insistência. E no caso em que, então, não sou capaz de alcançar, no fundo, o Objeto Divino, mantenho as distrações, torturas, etc... fora de mim. Pela fé, nelas tento ver, sentir e descobrir Deus. E, mesmo se isto acontecer no estado de aridez, sem sabor, sem afeição, procuro, apesar disto, persistir de modo que não haja outra coisa na minha mente, senão a lembrança e reminiscência de Deus. Desta forma, as distrações, torturas, etc... se acalmam paulatinamente, diminuem e desaparecem finalmente.

Quando, uma vez, fui convidada, de uma maneira especial, pelo Amado, a deixar-me conduzir e talhar por Ele, sem qualquer atuação da minha parte, e eu, por inadvertência, comecei a fazer alguma coisa por iniciativa própria, fui detida por alguém mais forte que eu e notei, no meu interior, de maneira afável, a presença do meu Amado e Tudo inconfigurável, que me atraía e aliciava docemente a entregar-me inteiramente à Sua direção. Era como se Ele me tivesse dito: *“Daqui em diante devo e quero apenas viver e trabalhar em ti, sem que acrescentes ou mistures algo de ti. Quero que, em tudo o que faças ou omitas e em todas as criaturas, não vejas outra coisa senão a Mim, ou em Mim, ou que Me vejas a Mim neles”*.

Após tal alocução, o Amado costuma acolher-me plenamente e levar-me dentro Dele de forma que me sinta afogada no mar da Sua Grandeza Divina. Vivendo Nele, desta maneira, durante algum tempo, completamente unida a Ele, como se estivesse sem corpo e alma e nadando aí um pouco, é fácil ver, durante todo o dia, como Deus se encontra entranhado em todas as criaturas, tanto dentro como fora de mim. É como se não houvesse nada senão o Ser ilimitado de Deus, em que a Alma e todas as outras coisas parecem ser afogadas.

Foi-me revelada uma efusão ou comunicação mais nobre e mais elevada sem que houvesse qualquer imaginação ou revelação racional do seu Ser e da Sua presença em mim. Este gênero de revelação é mais nobre e difere da outra maneira, acima descrita, de encontrar a Presença Divina. A Presença do Amado realizava-se, naquela altura, mediante a exibição de alguma Imagem racional, por exemplo, a realização de grandes feitos, a Honestidade e Majestade de Deus. Isto causava na alma algum sabor sensível, prazer e doçura, por O ter encontrado ou achado; também a parte sensitiva comunicava e percebia algo como em enigma. Mas, tal presença de Deus é muito abstrata ou derivada de sensações dos sentidos. Da mesma forma que esta contemplação da Presença de Deus é mais nobre, também a união do espírito com o Espírito de Deus é mais nobre, mais elevada e mais espiritual. Em conformidade com isto, o espírito descobriu outro aniquilamento mais nobre e orientado para uma certa e sutil auto realidade e para impressões misturadas com ações do espírito, sem que eu me desse conta disto... Agora compreendo como essa sutil auto realidade deve ser reduzida a nada, também no espírito. Não pelo fato de opor-me a isso mediante alguma ação, mas estando, com certa coragem de espírito, voltada para Deus com fé viva...

Frequentemente, sinto dentro de mim vários estados de espírito. Às vezes, com nítidas percepções da Presença Divina dentro de mim, fora de mim e em todas as criaturas, difusas no seu Ser que as repleta, tanto no céu como na terra. O espírito vagueia, então, livremente e é capaz de nadar, voar, estar sentado ou descansar, de modo igual, no seu Tudo Amado, em Deus que então está ao seu lado em todas as coisas. Às vezes, sente dentro de si um amor flamejante, outras vezes um amor intenso, abraçando Deus e sendo igualmente abraçado por Ele, gozando ou, à guisa de união, repousando um no outro.

No dia 27 de Junho de 1671, ela escreve: “Vejo Deus nas Trevas ou na escuridão dentro do meu espaço; ao mesmo tempo, há um sossego silencioso e calam-se todas as forças da alma. Tal ocorre mediante visão simples e íntima do espírito. Relativamente a tais visões, é mais questão de estar sujeita às mesmas do que serem evocadas. Todos os conhecimentos que recebo de Deus nesta oração, resultam em negações e desconhecimentos de tudo o que a mente humana é capaz de saber ou conhecer de Deus. E o espírito deixa-se afundar no abismo escondido do Tal Ser Insondável, com aniquilamento total do seu próprio ser e de tudo o que lhe diz respeito, em Tal Ser. Pelo aniquilamento e desaparecimento da alma no Tudo, ela torna-se una com o próprio Tudo”.

“Parece que aprendi que o espírito tem de aniquilar e afundar silenciosamente todos os conhecimentos, compreensões e sensações de algo divino que ocorrem então na Alma, a fim de que o espírito, que se encontra então abrasado pelo fogo de amor, não seja detido por tal imaginação e sensação. Desta forma é mais fácil transferi-lo para o inconfigurável Ser Divino não criado”.

### **A purificação horrorosa**

Depois que a graça e a luz divina tiverem, durante muito tempo, aumentado na minha alma como aconteceu numa determinada tarde perfeita, aprazou, a Deus (*talvez por culpa minha e pela falta de não cooperar adequadamente com essa graça e não me esforçar por conservá-la o mais que podia*) diminuir paulatinamente esta grande clareza interior e as ações íntimas do espírito. As infusões da graça divina, etc... não pararam repentinamente mas, tão lentamente e tão pouco a pouco, que mal me dei conta, até que as perdi completamente. Fiquei então inteiramente dependente da minha natureza nua, sem sentir qualquer apoio ou ajuda de cima, como se fosse a noite escura na minha alma...

Era necessário que tal desolação de espírito me sobreviesse a fim de ser provada e purificada como o ouro no fogo, mediante muitas torturas interiores e exteriores, sofrimentos e lutas.

Por conseguinte, o Amado achou por bem conduzir-me por um caminho, duro e doloroso, para a natureza e o espírito, e deixar a minha alma em um estado infeliz e deplorável. Desta forma, deveria sentir e experimentar a minha impotência e incapacidade de fazer o bem, a minha nulidade, fragilidade, abjeção e miséria, a fim de me afundar profundamente e me colocar no estado de profunda humildade e conhecimento de mim mesma. Empregou, para tal, meios tão variados, que não podia deixar de ser profundamente aniquilada e esmagada.

...Passar uma só hora em oração, tornou-se uma tortura para mim. Tive que remar contra a corrente. Frequentemente, não era capaz, durante o tempo de meia Ave Maria, de recolher os meus pensamentos e dirigi-los para Deus. Parecia que havia um muro de ferro entre Deus e mim...

Na Oração, acumulava esforço sobre esforço tentando ocupar-me, durante este tempo, com Deus e concentrar-me Nele. Mas em vão!

Às vezes sentia-me tão extremamente aturdida por contratempos, angústias, sofrimentos, torturas do Espírito que o mundo parecia demasiadamente estreito como se minha alma estivesse entalada entre duas mós ou como se estivesse atravessada por espadas, pendente entre o Céu e a Terra, sem nenhum apoio vindo de cima ou de baixo, isto é, nem de Deus nem dos homens...

Ai, que invenções o Amado tinha reservado para mim, empurrando-me para Si e obrigando-me a uma profunda mortificação e renúncia a todas as criaturas. Pois, se uma alma se vê sem consolo e sem conforto por parte das pessoas e amigos mais queridos no quais, ao lado de Deus, se apoiava e nos quais tinha confiança, então tal situação fornece-lhe um estímulo estupendo para afastar o coração de tudo e deixar todos os homens de lado a fim de se entranhar fortemente em Deus. Daqui em diante quer encontrar sossego e apoio apenas em Deus. Pois, que uma paz estável apenas pode ser encontrada Nele e que tudo o que resta não resulta em nada senão em torturas, inquietação e falta de paz no coração.

Senti-me insaciável com respeito a esta diminuição, submersão e descida de mim própria no abismo. Quanto mais fundo baixava no meu nada e quanto mais tomava a minha morada no vazio, tanto mais sentia inclinação para afundar-me cada vez mais. Ai! Que grande graça o Amado me dava!

O citado raio Divino forneceu-me alguma luz pelo que fui capaz de ver e conhecer algumas propriedades e condições do Nada ou, com outras palavras, da alma aniquilada, a saber, aquilo que causa a real aniquilação ou impede a mesma e aquilo que a contradiz. No entanto, não sei como exprimir bem este conhecimento da forma clara como me foi dada. Compreendi e vi que Deus apenas pode estar no verdadeiro Nada. Todas as nossas intenções e esforços deviam estar orientados para conseguir isto de forma perfeita e para possuir isto permanentemente porque só Deus é capaz de viver, sem obstáculos, em uma Alma aniquilada e causar, nela e por ela, o seu deleite mais querido.

Pensava que o Nada consistia na completa morte espiritual, tanto do homem interior como do exterior, e sempre, sem jamais permitir ou sentir alguma forma de amor vivo ou afeição natural por criaturas fora de Deus. O Nada deixa todas as coisas intactas em Deus, destruindo-se e perdendo-se nele. O solo interior deve estar completamente vazio, descontraído e não configurado sem deter a atenção nestas coisas e fixar-se nelas fora de Deus.

No dia 5 de Abril de 1659 senti grande aridez e abandono na parte afetiva, sem que tivesse a sensação habitual de Deus e sem que deslizesse assiduamente para dentro do Ser Indiviso e Inconfigurável de Deus. Apenas restou uma faísca ou uma força sutil que no meu interior, no meu recôndito, provocava secretamente o regresso para Deus e a adesão a Ele. Tal se efetua

essencialmente por meio da fé nua, de maneira inteiramente espiritual, abstrata e insensível. Então, é preciso que eu preste atenção a mim própria. Pois, quando a natureza não encontra, através dos sentimentos, alimento e comida em Deus, a fraca alma facilmente se distrai e se afasta do objeto divino, visto estarem os sentimentos, de algum modo, vivos e haver regresso para as criaturas...

Tal paz interior brota, em seguida, de esforços e buscas puras e sinceras de Deus, isto é, privada de qualquer luz ou de quaisquer outros dons. Pois, todas essas dádivas, por mais elevadas, excelentes e nobres que sejam não são Deus. Por isso, é necessário ultrapassar tudo isto e perder-se em Deus, a fim de poder alcançar a verdadeira união com Ele.

Nos dias 4 e 5 de Outubro de 1659 tive desejos e iluminações desabituais e pratiquei exercícios constantes de humildade, acompanhados de mergulhos intensos na minha nulidade. Fiquei aí enquanto a minha Alma estava perfeitamente serena, sem desejar ou querer qualquer coisa que fosse, sem pretender qualquer coisa. Estaria, de forma substancial, perfeitamente satisfeita com Deus se pudesse ficar, desta maneira, na minha nulidade.

Mas, que maravilha, que uma Alma tão pequena e aniquilada possa permanecer, em todas as circunstâncias, tão calma e satisfeita. O Nada não se perturba. Para o Nada não é possível dizer qualquer coisa de mal, nem é possível cometer, contra o mesmo, qualquer coisa má. Do Nada não se pode roubar nada e não é possível ofende-lo. O Nada não é capaz de pretender qualquer coisa que seja ou queixar-se de qualquer coisa. O Nada não conhece, nem quer, nem possui coisa alguma. O Nada não se preocupa consigo mesmo. Não é insensível em relação a tudo! Oh, quem é capaz de descobrir as propriedades do seu Nada? Que grande bem possui então! Oh, santa humildade, tu encerras em ti todos os bens, toda a santidade, toda a perfeição! Oh, humildade, que fértil Mãe és tu!

Deste recolhimento interior decorre também a união pura com Deus e a visão interior e quase constante de Deus. Tal ocorre devido ao fato de que a alma se torna capaz, através do resguardo fiel de si própria, de permanecer em Deus acima de todas as coisas criadas. Tratando-se do tipo de recolhimento de que estou falado, a alma acrescenta pouca coisa de si própria e é objeto habitual das ações de Deus. Por isso, encontra-se em Deus simultaneamente assolada e aniquilada, juntamente com uma grande alienação de si própria. Mas, mesmo se a ação de Deus não é muito forte, estando a alma mais entregue a si própria, ela persevera no recolhimento. Ocupa-se então, silenciosamente, com a aniquilação pura e simples de si própria e de todas as criaturas, no Ser Indefinido e Infinito de Deus. E desta forma ela continua a estar acima de tudo, superando todas as perturbações da parte sensível.

Este fundamento de humildade deriva, portanto, do conhecimento claro do meu próprio Nada: sabendo que eu em mim própria e de mim própria sou um mero Nada. Este conhecimento que me adere essencialmente e que me penetra, leva-me para uma profunda e doce humilhação do meu coração, de todo o meu ser. Como se a humilhação e o rebaixamento de mim própria se tivessem tornado parte da minha natureza. Senti-me nesta situação como alguém que está contente com a sua afeição natural: na humilhação estou, por assim dizer, no meu centro e pareço viver aí, com prazer e cheia de leite, como uma salamandra no fogo.

### **A união amorosa**

O amor ardente opera em mim muito silenciosamente, mediante chamas ardentes que me unem com o meu Amado, fazendo-me morrer a mim mesma e consumindo-me. Não faço outra coisa senão amar. O meu coração e o meu interior assemelham-se constantemente a carvão incandescente. Tal fogo amoroso arde sem cessar, sem que eu o alimente. A presença interior do Amado e a visão constante Dele, fornecem alimento duradouro ao fogo, de modo a nunca se apagar nem se tornar menos intenso.

Domingo de natal de 1671. O Amado tinha-me consumido e tomado posse de mim, de tal forma que não fui capaz de me lembrar de qualquer coisa que fosse, nem de usar a minha inteligência, a fim de comunicar a Vossa Reverência o estado da minha vida interior. No entanto, senti, então, que a privação da memória e inteligência era muito benéfica para o estado de união e transformação em que me encontrava frequentemente e também nos dias anteriores. Durante todo aquele período de interiorização em Deus que demorou bastante tempo, pareceu que estive completamente inconsciente de tudo o que se passava ao redor de mim e não me dava conta de absolutamente nada, senão do Ser Ilimitado e Inconfigurável de Deus. Parecia estar afogada e desaparecida na união deste Ser. Neste estado, possuo uma admirável pureza de alma que não pode ser expressa em palavras...

No dia seguinte o contato confidencial com o Amado continuou. Naquele dia, recebi dele muitos favores e acolhimentos nupciais. Entreteve-se comigo cobrindo-me, por assim dizer, com milhares de “beijos de amor e abraços afáveis”. Antes e depois da santa Comunhão estava, alienada de mim mesma. Naquele dia, as uniões realizavam-se por um “incêndio de amor abrasador”.

As uniões que me eram concedidas anteriormente, realizavam-se, em geral, por meio da intimidade e simplicidade de espírito, mas, as presentes, realizam-se, por assim dizer, através de um “fogo de amor ardente e consumidor”. Operam fortemente no coração e em toda a Alma. Pois, a Alma tornou-se inteiramente fogo e ficou transformada em amor.

É difícil acreditar quantos sinais e atos de amor Deus dá á sua “Esposa”: o amor leva-O tão longe e faz com que Ele se humilhe e se incline para a Amada de tal forma que parece esquecer-se da Sua Majestade, pondo-A de lado, a fim de poder se comunicar com ela de maneira confidencial, em pé de igualdade e amigavelmente como se ela fosse o Seu semelhante.

Agora, fico mais consciente do “beijo do Amado”. Por isso, sinto-me capaz de explicá-lo melhor, se for necessário. Numa só palavra, não parece outra coisa senão um encontro com o Amado, ou uma revelação perceptível do mesmo: é uma união extremamente amorosa entre Ela e a Alma Amante. Sim, uma tal Alma dá e recebe de todas as criaturas um doce beijo de amor o que lhe proporciona imensa consolação interior e lhe vulnera o coração com amor terno e atormentador. Desta forma, ela goza quase constantemente e por toda a parte deste “beijo amoroso” uma vez que é causado por adesão amorosa e consoladora ao Amado. Pois, quer a Alma coma, beba, trabalhe, reze, escreva ou descanse, etc... parece que já não percebe senão o “beijo do Amado”. Tenho a impressão que a minha Alma goza agora constantemente deste “beijo”, visto encontrar-se imediatamente (sem intervenção) ligada ao Amado.

Durante alguns dias do mês de Fevereiro de 1673...

Não seria capaz de dizer ou de explicar a alguém tudo o que o Amado me fez gozar e experimentar da vida angélica e divina, da interiorização da Alma em Deus, das desconsciências e meios enlevos Nele, nem posso explicar como o meu espírito encontra o Divino Espírito e como um é conquistado pelo outro, perdido, consumido e como um é unido com o outro; não posso explicar como experimento, quase constantemente, que o meu espírito, as minhas forças e sentidos estão, de maneira perceptível, cheios e imbuídos de Deus, muito mais que uma esponja que está cheia de água; não sei explicar como meu espírito está diante de Deus, elevado e aberto com grande pureza e expurgação, igual ao céu claro, sutil e extremamente puro que se abre ao Sol, a fim de ser penetrado, sem qualquer impedimento, pelos raios Dele, receber o calor e as sensações Dele e tornar-se uma só Luz com Ele. Pois, estas e outras coisas semelhantes, começam a ser perpetradas em mim, com uma tal intensidade, que todas as anteriores graças e uniões etc... parecem ter sido de pouca importância, comparadas com as presentes.

Nunca teria acreditado que uma criatura pecadora pudesse chegar tão longe e tão alto na união com Deus, em um grau tão elevado que ela pareça não saber ou não se lembrar que é uma criatura. Parece ser Deus em Deus e totalmente uma com Deus, sem diversidade, como se fosse transformada Nele.

Anteriormente tinha experimentado qualquer coisa semelhante, mas durante pouco tempo. Agora, porém, mais constantemente e com uma clareza incomparavelmente mais nítida, tanto como a tarde difere da aurora. Pois, isto é certo: quanto mais a Alma progride na perfeição, tanto mais as uniões e comunicações divinas se tornam perfeitas, puras, elevadas e expurgadas de todas as imagens e imperfeições. A Alma descobre isto cada vez mais, quando o Amado lhe concede alguma nova luz.

Oh, o que o amor divino não faz na alma em que encontra espaço para trabalhar! Assim como anteriormente eu costumava descansar em Deus e estava unida com Ele... pelo silêncio e simplicidade, pela expurgação e desaparecimento em Deus, agora ocorrem a propensão para Deus e a interiorização Nele, a adesão, contemplação, fusão e união através de amor muito mais perceptível. Parece que o homem inteiro se transformou em amor, amando desmedidamente, sem fim nem limites. Parece que estou agora tão fecundada pelo espírito de amor, que já não há comparação com o amor que tinha até agora para com Deus. Parece que nunca amei Deus durante dias. A luz do Sol faz desaparecer a luz das estrelas. Da mesma maneira o meu amor atual excede todos os amores anteriores, pois o amor puro, expurgado e divino, de que me torno agora ciente, parece ter tomado posse de nós, parece mover-nos, dirigir e levar tudo, exclusivamente para Deus, por causa de Deus e por Deus, saboreando Deus em tudo...

A maneira de viver em Deus, o que pela graça de Deus, faço desde há algum tempo, veio a ser o deleite íntimo do Ser Divino extremamente claro, silencioso e inconfigurável. Esta maneira de gozar de Deus e de saborear as coisas divinas, parece ser muito diferente de todas as maneiras anteriores. Aqui, Deus revela-se com maior clareza. Faz com que a alma compreenda e experimente Nele coisas maravilhosas que, mais tarde, ela não é capaz de reencontrar nem de exprimir com palavras. Durante o saborear ela gostaria de falar sobre isto profundamente com alguém capaz de compreender, exclamando em voz alta que Deus é um abismo de coisas maravilhosas e inefáveis. A alma sente-se então, repleta e possuída por Deus milagrosamente. É apreendida e subjugada por Ele tantas vezes e tão plenamente que não sente e não percebe nada senão Deus e aquilo que Deus quer lhe revelar. Oh!, como aqui a unificação e união com Deus são grandes...

Parece que, até agora, nunca experimentei nem saboreei uma forma de deleitar-me em Deus, mais silente, mais simples e mais no recanto interior da minha alma, nem uma forma mais alheada das ações habituais das outras forças, nem uma forma mais expurgada do que aquela que agora saboreio e experimento. Sinto-me agora tão afastada e tão separada da forma de então, como se tivesse havido duas pessoas em mim.

Também parece que percebi, no início dessa união, que Cristo se inclina, por assim dizer, para a Alma, puxando-a um pouco para si e dando-lhe um “beijo”, um “beijo de paz”. De uma certa maneira, Ele leva-a para dentro de Si, fundindo-a, aniquilando-a e unificando-a Consigo.

Isto dá-se quase da mesma maneira como a união que se dá apenas com a Divindade, embora não com tanta intimidade e consolação sensível.

### **O processo de transformação em Deus**

Aconteceu uma vez, depois da comunhão, que Deus me concedeu a graça de compreender o que é o encontro substancial e o gozo de Seu Ser Inconfigurável através da fé e que me fez experimentar um

pouco. Pareceu-me muito diferente daquilo que conhecera ou compreendera até aquele momento. Esse deleite substancial de que acabo de falar não depende, nem está sujeito a uma iluminação ocasional, de alguma luz divina que diminui ou aumenta, fica mais escura ou mais clara. O deleite vem acompanhado de uma luz Divina constante, simples, não configurada e substancial, sem que se note ou sem que se dê conta de tratar-se de luz, visto ser simples, silenciosa e sutil Nele.

Os resultados produzidos são os seguintes: repleta e possui os sentidos interiores e exteriores, as forças mais sublimes e as mais humildes, com todas as afeições da Alma. Reúne e unifica-as todas numa só massa. Desta maneira produz a visão simples daquele ser Divino Imutável, Simples, Inconfigurável e fica detido nisto com aspiração simples, como se estivesse num doce ar, embora a aspiração ocorra substancialmente em Deus e não por força própria, nem misturado com empenho próprio ou discernimento engenhoso.

Esta aspiração simples em Deus é o deleite substancial de que falo. Não deve ser chamada visão ou deleite íntimo de Deus, mas deleite simples e substancial. Pois, o deleite íntimo efetua-se com interiorização, alienação e separação de tudo... mas este é, quanto à forma, muito diferente. Não é interiorizado nem exteriorizado, mas simples. É forte e não tenro como o deleite íntimo. Também tem mais liberdade e domínio sobre todas as coisas. Pois, os sentidos e as outras forças não estão contra ele e não o impedem de, constantemente, contemplar a Deus, de a Ele aderir e de gozar Dele, visto os mesmos estarem tão unidos com o espírito, que ambos têm um só objeto.

Embora o corpo se ocupe com obras simples, etc... os sentidos ficam tão afastados e separados, que não parece fazerem delas formas ou aparências, como se as criaturas com que lidam, que ouvem, veem, saboreiam e sentem, se encontrem, de uma certa maneira, igualmente transformadas e consumidas em Deus.

Este gênero de amor não se realiza com ardor e inflamação perceptíveis como os outros tipos de Oração de que falamos anteriormente. Também não vai acompanhado de alguma visão contínua ou percepção de Deus que lhe estaria perto ou intimamente presente. É um tipo de amor que opera na Alma e a leva para uma tal unificação e união com o Amado, que ela se encontra Nele consumida e transformada, sem prestar atenção a isto ou sem se dar conta do mesmo. Quando a Alma se tornou assim toda amorosa e divina, sinto, de uma certa maneira milagrosa que não sei definir, que Deus Se ama a Si mesmo nesta Alma e por esta Alma, com um amor infinito e incompreensível, como Se amou a Si mesmo desde toda a eternidade e Se amará durante toda a eternidade.

Neste tipo de Oração acabam todas as contemplações, aspirações e procuras amorosas de Deus por parte da Alma, pois esse amor opera em uma tão grande unidade que coloca a alma imediatamente no estado de união.

Por conseguinte, se o espírito é conservado longe de toda a impureza, pluralidade e de todas as coisas corpóreas e criadas, a Alma e Deus juntam-se e tornam-se imediatamente um. O espírito é, através de amor simples, de novo formado e transformado em Deus, assim como duas gotas de água juntas desaparecem uma na outra e se tornam uma só.

Quando, às vezes, acontecia que eu era levada mais longe e mais para o fundo, parecia perder-me e esquecer-me de mim mesma, enquanto contemplava e nada percebia senão o Ser Claro, Informe e Divino, com quem fiquei unificada através da perda total Nele. Isto ocorria com extrema e íntima tranquilidade enquanto as forças da Alma dormiam amorosamente no Deus Inconfigurável, sem que houvesse qualquer ação própria, com exceção de uma descontração íntima e muito simples da Alma em Deus, como uma gota que se dispersa e se perde no Mar.



O Amado concedeu-me poder exercitar-me na máxima taciturnidade interior e na mais pura simplicidade. Esta taciturnidade era tão grande que nenhuma força se mexia. As forças mais potentes estavam ocupadas em Deus sendo, ao mesmo tempo, consumidas sem conhecer ou saber como isto acontecia. Todas as exercitações perdem aqui o seu nome visto que aqui já se tornam simples. Aqui, todas ficam unidas em Deus, acima ou fora de qualquer percepção dos sentidos e acima da compreensão e entendimento da inteligência.

Não sou capaz de explicar a infirmitade em que o meu espírito se encontrava, nem a maneira como todas as formas ou aparências são excluídas. Igualmente, não sei explicar como me posso portar, no íntimo do meu espírito, de maneira mais informe ou mais inconfigurável, mesmo quando não reflito sobre aquilo que Deus, de fato, em mim faz. Também não sou capaz de explicar como estava ocupada em Deus de forma mais elevada e mais infável. Senti-me derretida no meu Amado, desapareci Nele e fiquei una com Ele. Ou melhor: por meio de uma extrema simplicidade e infirmitade e só por meio da visão íntima de meu Amado, as comunicações Divinas atravessavam, milagrosamente, como um fluxo, a minha Alma.

Esta visão do Amado era tão silenciosa, tão íntima, tão imprecisa e afastada da parte sensitiva que eu durante todo o tempo de Oração, estava sem pensamentos, como se estivesse num doce sono amoroso: era o grande Silêncio dos Carmelitas em que palavras, sinais ou gestos, mal são permitidos. Entretanto, vi a minha Alma numa grande luz e com divina clareza tal qual anteriormente, às vezes, tinha acontecido. O que isto é, não pode ser explicado e ninguém é capaz de o compreender, senão quem já o experimentou. Apraz ao Amado fazer-me repousar Nele.

A aniquilação que me é proposta agora é uma fuga constante, um retirada e esvaziamento de mim própria de forma que não me é permitido encontrar-me e ver-me a mim mesma como algo criado ou algo separado de Deus mas como uma em Deus. Por isso, já não posso agir interior ou exteriormente nem ter a intenção de fazer ou omitir algo por mim própria como pessoa própria. Todas as ações da alma devem, daqui em diante, ser feitas em Deus, com Deus e por Deus: não agindo, não amando, nem se quer a Deus, algo, por mim própria, como se fosse ação minha, mas por Deus e em Deus. Pois, Ele próprio quer e deve elaborar tudo neste nada, e com este nada, em qualquer momento e por toda a parte. E, de fato, Deus entende, conhece, goza e ama a Si mesmo neste nada.

Compreendo que uma Alma tão mortificada, vazia, separada e aniquilada, já não pode perder Deus ou ser separada Dele, como a vida não pode ser separada da Alma. Pois, pertence agora mais a Deus que si própria. Por isso, dá-se agora conta de uma vida completamente diferente, a saber, da vida divina em Deus: Oh! Como este solo aniquilado é facilmente consumido por Deus! Como esta alma respira docemente em Deus! Como ela é iluminada e ensombrada pela luz divina! De que maneira milagrosa e infável Deus se lhe manifesta! Que “aspirações”, “toques”, “encontros” e “beijos de amor” por parte de Deus não ocorrem nesta Alma!

No entanto, esta Alma aniquilada, não sente nem conhece ou experimenta as ações divinas em si, como se fossem dela. Ela deixa Deus agir, o qual faz com que o espírito penetre amorosa, simples e intimamente na unidade escondida do Ser Divino mas, de tal forma que ela não seja capaz, sem sair para fora de si própria, de descobrir se Deus efetua ou difunde isto nela. Pois, o nada não é capaz de receber ou de perceber. Todas as coisas ficam encerradas no Tudo, em Deus, sem que a alma atraia qualquer coisa para si.

Durante o primeiro encontro, algo disto parece emanar de Deus para ela, mas ela abandona imediatamente esta reflexão e memória de si e deixa tudo voltar para Deus, para o Tudo, na sua origem. A alma leva as operações e dons divinos, juntamente consigo própria, para Deus e assim todas as coisas se tornam unidas. Assim, ela desfruta estes dons, etc... em Deus e com Deus, como se

todos fossem unos Nele. Deus opera nela, acarinha-a, irradia-a, abraça-a e faz com que o fogo de amor arda nela docemente. Pela grande simplicidade, ela quase já não sabe como ou para que fim isto acontece. Julga que tudo isso sucede mais por Deus e em Deus que nela, devido (como parece) à grande distância de si própria. Constitui um novo grau de aniquilação que antes não conhecia. Também não sabia que tal aniquilação podia ser exigida de nós.

O Nada tem sempre uma vista imediata (sem impedimento) de Deus, acima de todas as criaturas, acima de si própria, acima do tempo e do lugar. Encontra-se fundamentado na eternidade, não tendo nada de comum com algo transitório.

Pareceu que uma pergunta era formulada em mim a que se seguiu imediatamente uma resposta. Aquele que fez a pergunta respondeu, também imediatamente, dizendo o que vem a ser a verdadeira aniquilação. Respondeu-se: a verdadeira aniquilação não é outra coisa senão a inefável pureza de espírito. E, imediatamente foi aberta, dentro de mim, uma espécie de cortina e compreendi claramente o que essa inefável pureza de espírito vinha a ser. Também compreendi imediatamente que, no mesmo momento em que a Alma se volta para essa pureza, também Deus responde necessariamente a esse solo puro e aniquilado, com uma revelação e comunicação de Si Próprio, à Alma. Deus não pode deixar de fazer isto, da mesma maneira que o Sol não é capaz de reter os seus raios da parte da tarde, quando não há neblina ou nuvens.

Quando pareceu que todas as visões e ações do espírito amante estavam a acabar, fui puxada (sem saber como), perdida e afogada no abismo divino, com num Mar desmedido, em que não vi nem princípio nem fim. Também não fui capaz de me ver a mim mesma com alguma distinção, nem qualquer outra coisa no céu ou na terra.

Fui aniquilada, tomada, afogada e perdida no abismo divino com tal intensidade, como se nunca tivesse tido vida própria e ser próprio. Aí fiquei plena e integralmente Uma com Deus e formei com Deus, tão perfeitamente, um só espírito que, se alguém então me tivesse visto, teria dito que eu estava transformada em Deus, não estando eu presente, mas sim apenas Deus. Pois, Deus tinha puxado a minha alma completamente para dentro de Si e tinha-a transformado...

Neste estado de perfeita união com Deus, já não há na Alma visões nem comunicações de verdades, nem operações de amor distinguíveis ou perceptíveis, nem forças por parte da Alma. Ela está então aqui, acolá, em cima. Pode entender-se que ela esteja a contemplar no alto, onde Deus se contempla a Si mesmo, Se conhece, exalta, adora e ama...

Este afogamento, perda e aniquilação, etc... da Alma em Deus, não se dá por algum arrebatamento do espírito ou numa exaltação, como antes foi dito, mas através de um afundamento dentro do seu solo, em profunda intimidade e silêncio de todas as forças da Alma. Tal acontece com tão grande intimidade e silêncio que não era permitido que uma das forças da Alma se movimentasse de qualquer maneira que fosse. Pois, o mínimo movimento teria causado dano à perfeita aniquilação a qual é, no entanto, necessária para a transformação e unificação de espírito com Deus. Pois, enquanto houver movimento ou ação própria, por pouco que seja, a Alma permanece em si própria.

Da mesma maneira como Deus leva a Alma, repentinamente, dentro de Si, também suspende imediatamente as forças da Alma. Impede o funcionamento das mesmas, enquanto a união e transformação duram, de modo a que a Alma seja capaz de fazê-las calar facilmente.

Mas, quando o Amado não a atrai muito fortemente, a Alma pode, com uma certa habilidade espiritual, empreender alguma coisa a fim de afundar-se e permanecer no seu Nada. E, quando ela é capaz de entrar no seu Nada e de aniquilar tudo aquilo que ela notar, sentir, encontrar e perceber fora do seu Nada, o solo aniquilado é tomado por Deus e em seguida possuído por Ele.

É estranho e difícil compreender o que eu estou a dizer, a saber, que sou una com Deus e que nesta unidade vejo Deus. Pois, de acordo com a nossa maneira de falar, uma pessoa não é uma com aquilo que vê. Uma coisa é aquilo que se vê, outra, aquilo com que se está unificado. Pois um é um, e no ver há dois, a saber, aquele que vê e aquele que é visto. Mas na contemplação e união de que eu falo, as coisas são diferentes. Neste momento, vejo, de repente, como é e como o posso definir. Pois, Deus contempla-se a Si mesmo, conhece-Se, deleita-Se em Si mesmo e ama-Se. Mesmo assim, está unido consigo mesmo e em Si mesmo da forma mais íntima e mais substancial.

Da mesma maneira Deus concede, pela graça, à Alma, aquilo que Ele é por natureza, enquanto a união dura. A Alma forma com Deus um só espírito, um só ser, um só conhecimento, uma só operação, uma só vontade, um só amor e uma só caridade. Não se dá conta de distinções, do eu ou do mim. Conhece ou compreende apenas o UM. Por isso, quando reza, é o espírito de Deus que reza nela, quando contempla e ama, é Deus que Se contempla e ama a Si mesmo, nela.

Este estado de união encerra em si outra pureza, simplicidade, intimidade e sublimidade de espírito e é diferente da anterior, quando o espírito amoroso fecundava e dirigia as forças da minha Alma. Nessa união cooperava muito, embora dirigida e movida pela graça e pelo fogo de amor. Aí estava mais ciente de mim própria e de outras coisas (embora ocorressem em Deus), mas não estava tão una com Deus, como agora.

Cooperava com a graça e o espírito de Deus, de maneira agradável e perceptível. Agora, parece que sou completamente una com Ele e transformada Nele. Aqui o espírito de Deus faz quase tudo sozinho, sem saborear, sem algo experimentar e sem distinção entre forças mais baixas e mais sublimes. Tudo o que contemplo, saboreio ou experimento em Deus, é consumido na unidade do seu Ser Divino.

Alguém me perguntou se não estava sujeita a volubilidades e modificações de disposições interiores: uma vez na luz, outra vez na escuridão; agora vir, mais tarde abandonar, etc... Respondi que não, e que meu espírito ficava sempre no alto, numa incessante vida Divina em Deus onde parece já não haver modificações. A graça Divina fixou-me, por assim dizer, e confirmou-me nesta Santa liberdade de espírito, a fim de contemplar apenas Deus, de me deleitar só Nele, de O encontrar só a Ele e por toda a parte etc...

A vida silenciosa, simples, íntima, divina, repousando e unificando em Deus, tornou-se natural para mim. Sim, parece que já não conheço nem me lembro de outra vida.

Depois de o Amado ter produzido fruto, em mim, durante algum tempo, por meio daquele doce e fluente espírito de amor, como descrevi anteriormente, tirou-me daquele estado e colocou-me no estado de união íntima de espírito com Ele, num grau mais elevado e mais puro que nunca.

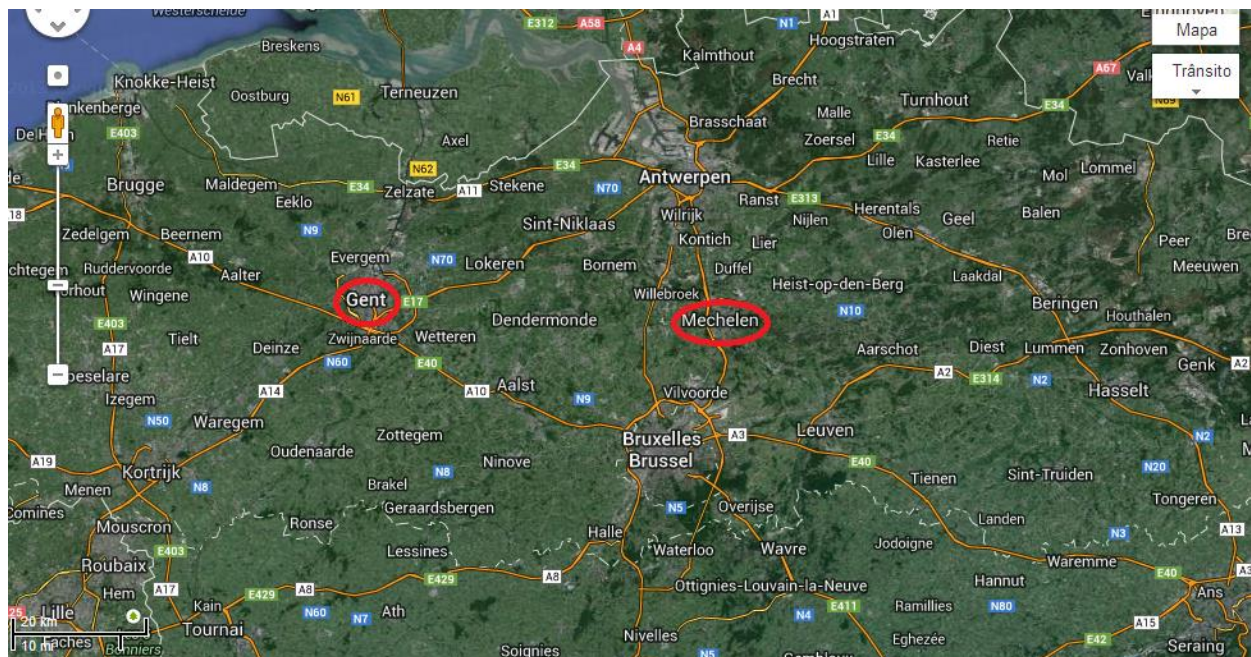
Estas mudanças e novos convites para graus de perfeição e união íntima com Ele cada vez maiores, causaram-me grande admiração ao refletir sobre isto. Pois, todas as vezes que o Amado me propôs um grau de maior perfeição, de maior pureza e de maior união com Ele, tive a impressão que não conseguia chegar mais alto. Era como se já estivesse no grau mais elevado onde o Amado queria que estivesse. E veja! Quando tinha subido àquele grau de perfeição, de pureza e unificação com Ele e me tinha exercitado nele, o Amado, mais uma vez, suspendeu aquele grau, de modo que já não era capaz de me exercitar nele...

Este novo passo e esta nova subida do espírito é de tal vigor que me parece que tudo o que antes era direito, agora está torto, o que antes era puro, agora está impuro, o que antes era simples, agora está múltiplo, o que antes era expurgado, agora está misturado com a natureza. Numa só palavra: toda a

minha perfeição, em comparação com o que me é ensinado agora e com o que me é exigido agora, a saber: a imediata (não mediada) união do espírito com o Espírito Divino. Pois, Ele quer ter a supremacia sobre todas as forças da alma, sobre todos os sentidos e sobre todos os membros do corpo, a fim de viver e operar totalmente nisto e por isto.

No dia 29 de Novembro de 1668 o Amado concedeu-me, durante algum tempo, a mercê e a graça de uma união muito grande e muito íntima com Ele.

Esta união é tão intensa que me encerra em Si e é o remate de todas as anteriores disposições interiores e deleites em Deus, do sono amoroso, do repouso interior do espírito em Deus, dos abraços do Amado, dos tenros desfalecimentos de amor, das iluminações e abrasamentos de Deus ou de outra coisa divina etc...



### Sua tumba

Depois de sua morte ela é enterrada em Michelen. O Beguinário é fechado durante a revolução Francesa e destruído em 1804.

O túmulo de Maria Petyt é aberto mas é encontrado vazio. Alguns dizem que os carmelitas haviam enterrado seu corpo em outro lugar por motivos de segurança. O lugar exato de seu túmulo não foi revelado.

Foi declarada Venerável pela igreja católica.

**Esclarecimentos:**

Gante: (em Neerlandês e Alemão Gent e em Francês Gand) é uma cidade e município Belga, capital da província da Flandres Oriental.

Menen: (Francês: Menin) é um município Belga localizado na província de Flandres Ocidental. O município é constituído pela cidade de Menen propriamente dita e ainda pelas vilas de Lauwe e Rekkem. A cidade fica situada na fronteira Franco/Belga. A cidade de Menen fez parte da França entre 1668 e 1713.

Poperinge: é um município situado na província belga de Flandres Ocidental.

**Graus de Oração:**

Há 9 graus de oração, correspondentes aos nove estágios da progressão na santidade.

A oração de simplicidade é um estágio entre a Oração Vocal e a Oração de União Transformante.

Na chamada “Oração de Quietude” podemos distinguir três etapas que, percorridas todas elas, podem existir conjunta ou isoladamente.

**Oração de Recolhimento Infuso ou Passivo.**

Este nível de oração é a união (incipiente) da inteligência com Deus, o Qual, com a Sua formosura e claridade infinita, atrai, embeleza e interiormente possui, cativa e conforta, enriquecendo-a com os preciosos dons de ciência, conselho e inteligência.

Uma admiração deleitosa, que dilata a alma e a enche de gozo e de alegria ao descobrir em Deus tanta maravilha de Amor, de bondade e de formosura; outras vezes certa suspensão ou um profundo silêncio espiritual, no qual ela fica atónita, absorta, abismada e como que humilhada perante tanta grandeza.

Desta maneira, de uma só vez e sem trabalho algum, a pessoa adquire luzes tão grandes, que, por mais que tivesse estudado e meditado anos inteiros, não conseguiria adquiri-la.

Por onde se pode ver o estimável, desejável e preciosa que é esta sabedoria infundida por Deus, já desde as suas primeiras comunicações.

Trata-se aqui da contemplação sobrenatural ou infusa, em que, para além da intervenção das virtudes teologais, intervêm ativamente os dons do Espírito Santo do entendimento, da sabedoria e da ciência, permitindo uma experiência viva da presença e da atuação de Deus.

À medida que o avanço espiritual se dá, o trabalho das faculdades mentais vai dando lugar à ação de Deus mediante suas graças especiais.

**Oração de Quietude**

À Oração de Quietude associa-se a “embriaguez de amor” suas manifestações exteriores costumam ser gemidos (suspiros), gritos, cânticos de louvor, saltos de alegria e outras.

### **Sono das Faculdades**

O sono das Faculdades consiste num “sono” das faculdades da alma.

No recolhimento infuso e na quietude, Deus cativa a vontade, mas deixa a liberdade de pensar e recordar o que quisermos, ao contrário do que acontece com as orações de união, durante as quais Deus se une a todas as faculdades da alma e a mantém paralisada.

Pois bem: entre a quietude e a união está o “Sono das Faculdades”.

**FIM**